

14º Congresso Brasileiro de Gastroenterologia Pediátrica

05 a 9 de junho de 2012
São Paulo - SP



Trabalhos Científicos

Título: Terapia Medicamentosa Adjuvante Após A Portoenterostomia Nos Diversos Serviços De Referência Do Brasil

Autores: CARVALHO E, SANTOS JL, GRUPO DE ESTUDOS DE HEPATOLOGIA PEDIATRICA DO BRASIL , , , , , , ,

Resumo: OBJETIVO: Comparar a conduta pós-portoenterostomia nos pacientes com atresia biliar(AB), dos centros de referência brasileiros. MÉTODO: avaliação de questionário respondido por serviços brasileiros de referência em AB, com informações sobre terapia medicamentosa adjuvante pós-portoenterostomia. Este estudo inclui os dados de instituições filiadas ao GRUPO DE ESTUDOS DE HEPATOLOGIA PEDIATRICA (GEHPED) do Brasil. RESULTADOS: Doze serviços das diferentes Regiões nacionais participaram. ANTIBIOTICOTERAPIA: profilática pré-operatória- realizada em 03 centros. No pós-operatório imediato- todos os centros (variação:03-10 dias; fármacos: ampicilina, ampicilina/sulbactam, cefalotina, ceftriaxone, metronidazol, amicacina, gentamicina, em diversas associações). Tratamento da colangite- (10-21 dias) com as associações previamente descritas, além de cefepime. Como segunda linha, são utilizados meropenem, ciprofloxacina e piperacilina/tazobactam. Profilaxia secundária- são utilizados cefalotina, sulfametoxazol/trimetoprima, ou ciprofloxacina. Profilaxia pós-operatória- usada por 06 centros (cefalotina ou sulfametoxazol/trimetoprima). OUTROS GRUPOS TERAPEUTICOS: Todos utilizam UDCA no pós-operatório (período variável, dose variando entre 10-40 mg/Kg/dia). Corticoterapia- usada por 08 centros (esquemas variando desde altas doses com início precoce até doses de 1mg/kg/dia, iniciadas 7º dia pós-cirúrgico). CONCLUSÃO: Corticóide é utilizado pós-portoenterostomia por 66,6% dos centros, apesar de não haver evidência definitiva de sua eficácia nesta situação. Há grande variação no uso de esquemas antibióticos. O UDCA é utilizado, porém, por todos os centros. A heterogeneidade das condutas entre os centros brasileiros parece refletir a ausência de consenso na literatura sobre o tema.